

Protagonismo das mulheres no Projeto Margaridas: uma perspectiva ecofeminista

Bruna O. Costa (IC)¹, Tânia A. Kuhnen (PQ)^{1*}

Universidade Federal do Oeste da Bahia, ¹Centro das Humanidades, CEP 47810-059, Barreiras, Bahia, Brasil

*E-mail: tania.kuhnen@ufob.edu.br

Palavras chave: ecofeminismo, projeto margaridas, agroecologia

Abstract

The present work intends to analyze the Projeto Margaridas, developed by the SPM-BA, whose main aim is to provide rural women with information on autonomy. It seeks to find possible aspects of ecofeminist thinking within the project analyzed, but also limitations of the concepts of women's emancipation and traditional methods of agroecology.

Introdução

O ecofeminismo surge como um novo modo de olhar para a organização estrutural da sociedade. É uma corrente teórica relacionada ao pensamento feminista que busca esclarecer as interconexões existentes entre as diferentes formas de opressão. Para tanto, parte do pressuposto de que tanto a exploração e dominação das mulheres, quanto da natureza estão associadas à visão patriarcal-capitalista de mundo. Na perspectiva ecofeminista, é necessário desconstruir relações exploratórias e opressivas que prejudicam mulheres, natureza e outros grupos minoritários para que formas justas e igualitárias de interagir com o meio ambiente possam ser concebidas e afirmadas.

Material e Métodos

Este trabalho foi construído a partir de investigação bibliográfica acerca do pensamento ecofeminista, da análise documental sobre o Projeto Margaridas e de entrevista semi-estruturada com a mobilizadora do Projeto no Oeste da Bahia. Como base para a pesquisa teórica, utilizou-se a obra “Ecofeminismo”, de Shiva e Mies [1], além de outros escritos, também ecofeministas, (Ariel Salleh, Carolyn Merchant, Karen Warren, Emma Siliprandi, entre outras). Foram analisados, ainda, relatos de experiência sobre outros projetos de alternativa agroecológica em diversas regiões do país.

Resultados e Discussão

O Projeto Margaridas (PM) apresenta algumas limitações quanto a disponibilidade de informações, pois os documentos oficiais são escassos e de difícil acesso. As poucas referências, acessadas em sites oficiais e documentos digitais, eram repetitivas e superficiais. Outra limitação (informação concedida pela própria mobilizadora do PM em entrevista), se refere ao trabalho por ela desenvolvido, uma vez que não possui autonomia para por em prática as atividades programadas. Foi possível ainda perceber, através da análise da proposta de trabalho da mobilizadora, que

apesar de existirem algumas preocupações acerca da visibilidade do trabalho exercido pela mulher rural, tais preocupações aparecem em dissociação com as teorias ecofeministas, por exemplo, a falsa noção de que é possível a libertação da mulher de maneira isolada. A questão da autonomia da mulher tratada no PM se volta para a ideia de que a mulher camponesa deve se enquadrar nos moldes capitalistas de produção o que se mostra como uma distorção nos conceitos ecofeministas de liberdade e autonomia, já que a libertação da mulher a partir dos aspectos econômicos capitalistas e exploradores não é possível devido a sua característica hierarquizante e excludente.

Conclusões

Com o desenvolvimento da pesquisa percebeu-se que no Projeto Margaridas, apesar de existir o incentivo do trabalho de pequenos agricultores, a inquietação central dos idealizadores não foi a conservação das técnicas e culturas agroecológicas, mas a questão da promoção da autonomia das mulheres rurais, mesmo que seja através da inserção delas na lógica capitalista exploratória de economia. Isso significa, de certa forma, negligenciar a identidade individual da mulher construída a partir de suas relações com a natureza, isto é, tirar dela aquilo que ela vem cultivando ao longo da História (o respeito pela natureza, o saber que preserva e produz nova vida), o que se contrapõe às prerrogativas ecofeministas aqui analisadas

Agradecimentos

Agradeço à Tânia Kuhnen por me mostrar um novo mundo e à UFOB e FAPESB por tornarem possível o início da minha caminhada rumo à carreira acadêmica.

Referência

[1] V. Shiva, M. Mies, Ecofeminismo, Instituto Piaget, Lisboa, (1997).